

Educação 2.0 - Professor do futuro ou Futuro do professor

Nathalia Máira Cabral de Medeiros

03

“Hora de acordar! A aula começa em uma hora, trinta e cinco minutos e doze segundos...”

A fala melodiosa e extremamente animada foi acompanhada com o ressoar de um irritante alarme.

“Hora de acordar! A aula começa em uma hora, trinta e quatro minutos e cinquenta e nove segundos...”

Mais um toque que parecia um cruel martelar nos tímpanos. Um golpe sem misericórdia, impondo a abertura dos olhos e o despertar do corpo exausto.

Ela acordou, ou melhor, foi forçada a acordar.

“Bom dia, professora! Hoje é mais um lindo e produtivo dia para educação!” A voz anunciou assim que detectou os sinais de consciência da mulher que tentava, em vão, desligar o alarme.

— Droga... — Apalpou o seu criado mudo. Seus dedos mergulharam por entre cartelas vazias e meio cheias de remédios, vitaminas e estimulantes. Cartelas caíam ao chão, se somando a tantas outras que ali se encontravam.

“Sua refeição matinal está pronta. O prato de hoje é uma deliciosa sopa fortificante, com diversos aditivos nutritivos que suplementam a sua cota diária de vitaminas, proteínas, gorduras, carboidratos e minerais. Lembre-se de que sua saúde é essencial para o melhor desempenho de sua função!”

Ela praguejou novamente. Sua mão interrompeu a sua busca no criado-mudo e se elevou para apalpar outro local. A sua cabeça.

Seu cabelo foi raspado na lateral. Isso foi feito semana passada, mas a pele naquele local estava tão lisa que parecia não ter indício de nenhum cabelo novo nascendo. Talvez não nascesse... Talvez o objetivo fosse que o implante *intracéfálico do suporte de IA (inteligência artificial)* dovesse ficar sempre exposto, nunca oculto pelo cabelo.

O implante era um “presente” oferecido pelo Ministério Mundial da Educação. Um presente que não podia ser recusado. A recusa resultaria no desvinculamento da profissional docente do sistema de ensino. Em outras palavras, demissão. E sem possibilidade de ser contratada novamente como professora, pois agora *todos os profissionais do ensino* deveriam ter o implante.

Era um update. Mais um passo rumo à modernidade no processo de ensino e aprendizagem.

“Por que você não está comendo a sua refeição? Não podemos atrasar seus compromissos para com os seus alunos! Esqueceu que a sua aula começa em uma hora e...”

Ela tentou ignorar a alegre voz (sempre tão animada e energética), mas era praticamente impossível, já que a voz não era advinda de um alarme ou aparelho eletrônico que podia ser facilmente desligado. A voz vinha de dentro de sua cabeça. O maldito implante. Um assistente virtual conectado ao seu cérebro... Assistente? Talvez o melhor nome para aquele ser incorporado fosse “capataz”.

Ela se arrastou rumo à cozinha. Não precisou andar muito, pois esta se encontrava a poucos

passos de sua cama, vantagens de se viver em um cubículo como *lar*. Em cima da bancada, uma tigela preenchida com um líquido viscoso e esbranquiçado estava à sua espera. Havia um cano que se destacava da parede e que vertia o alimento em uma tigela que surgia de um compartimento retrátil na mesma bancada.

Será que deveria chamar aquilo de cozinha? Não havia nenhuma pia, fogão, geladeira, sequer pratos ou panelas. A comida vinha através do cano. A tigela aparecia. Um talher surgia de outro compartimento. Tudo era descartável.

Swooop!

Uma colher de material biodegradável (tem-se que preservar o planeta, não é mesmo?) apareceu, sendo lançada de um pequeno buraco na parede e pousando ao lado da tigela.

“Oh-Uh! Percebo que a sua taxa de glicose está baixa, recomendo comer a sua refeição o quanto antes. Taxas baixas de glicose podem trazer diversas consequências fisiológicas, podendo diminuir a sua eficiência como instrutora e mediadora do conhecimento! Lembre-se de que estar saudável é essencial para que sua função seja exercida com...”

Ela tentou novamente ignorar o tagarelar entusiasmado. Foi fácil esquecer a voz enquanto provava a sopa insípida e fria, pois agora sentia vontade de vomitar. A náusea era uma boa forma de distração.

Depois de consumir a gororoba, ela se encaminhou para o seu local de trabalho. Poucos passos dali estava a cadeira e o computador. De longe, os dispositivos mais caros e tecnológicos do pequeno quarto onde morava. Aquilo não lhe pertencia, era propriedade do Ministério. Ou melhor, nem se podia dizer que era de fato do Ministério, pois daria margem à interpretação de os equipamentos pertencerem ao Governo e levaria à conclusão errônea de que o povo poderia influir de alguma forma nisso, por meio de eleição ou algum tipo de gestão participativa. Não, não pertencia ao Estado ou a algum Governo, na verdade tais produtos eram advindos de diversas empresas privadas de educação que exerciam o seu honroso dever em prol da melhoria da Educação e alcançavam tal objetivo fazendo com que todo o processo de ensino se tornasse o mais simples, automatizado e técnico possível.

Diziam que o Ministério oferecia concessões a essas empresas, porém mais parecia que eram as empresas que permitiam ao Ministério o papel “figurativo” de gestor. Elas quem controlavam tudo, não apenas os equipamentos, mas também o que deveria ser ensinado e como.

“Só para lembrar — não que você tenha esquecido! Óbvio que não! —, você é uma das funcionárias mais compromissadas com a incrível função de ensinar as mais nobres mentes da humanidade... Mas, só lembrando, a sua aula começa em uma hora, vinte minutos e trinta segundos.”

Ela soltou um longo suspiro. Não podia adiar aquele momento. Ela se aproximou da cadeira e os fios se materializaram, surgindo das obscuras estruturas que compõem aquele assento. Fios que se conectaram (plugaram) a implantes nos braços e pernas da professora.

Ela não pode impedir aquela invasão. A cadeira com seus grilhões eletrônicos a puxou. Logo ela se sentou. A docente sentiu-se conectada ao imenso mundo digital. Ali, naquele espaço quase infinito de dados, bytes e eletricidade, ela exerceria a sua profissão.

As telas de plasma do computador ativaram. Notificações diversas preencheram as diversas *áreas de trabalho*. Provas que deveriam ser corrigidas. Lembretes de prazos de notas que deveriam ser lançadas no sistema. Listas de presenças que deveriam ser preenchidas. Planos de aulas requisitados pelo Ministério. Relatórios de rendimento sendo expresso na tela principal. Deveria aprovar mais alunos, senão...

O som do badalar de um sino notifica a chegada de dezenas de mensagens que se sobrepõem às outras tarefas. Eram as reclamações dos pais. Exigiam que o desempenho de seus infantes fosse incrementado. Que suas notas fossem revisadas. Tais exigências são um direito exclusivo da classe bem específica de indivíduos que a professora ensinava... Exigências que poderiam sim ser revisadas por um ser humano. Afinal, grande parte da população mundial era instruída pela IA sem ao menos saber disso. Humanos como professores era um privilégio. Como um tipo de bicho exótico em meio a uma loja de eletrônicos.

“Sua aula irá começar! Prepare-se para ensinar com alegria e entusiasmo!”.

A docente soltou um longo suspiro. Alegria? Entusiasmo? Eram sentimentos tão distantes de sua realidade...

As telas de plasma foram preenchidas por centenas de avatares. Cada um deles representando um estudante. Eles tinham a opção de abrir suas Webcams, mas isso nunca acontecia. Nem mesmo ela, professora, abria a sua webcam, ao invés disse um avatar que parecia uma versão alegre e entusiasmada dela mesma era sua “porta-voz” na aula.

— Alô... Estão me ouvindo? — perguntou para a sua plateia muda... E muda ela permaneceu.

Será que havia mesmo alunos ali? Será que o que ela fazia era mesmo dar aula? Será que ela podia ainda ser chamada de professora? Ela nunca viu seus alunos. Nunca interagiu verdadeiramente com eles. Nunca viu as consequências de seus ensinamentos... Será que eles aprendiam alguma coisa?

Afinal, não tinha relação com os alunos além daquele ambiente virtual, nem durante o processo avaliativo essa relação poderia ser aprofundada. Fazia provas, trabalhos, testes, questionários que eram disponibilizados aos estudantes em notificações e links. O material avaliativo, por sua vez, era corrigido por um programa que levava em consideração as respostas pré-estabelecidas pela própria professora (não havia margem para outras interpretações ou discussão, se estava fora dos parâmetros previstos pela resposta, estaria errado), as notas eram geradas automaticamente, mas só eram divulgadas depois de serem revisadas pela docente, essa era a nova forma de *correção de provas* que na verdade era só para *fiscalizar* se o algoritmo fez tudo certinho, pura formalidade, pois o algoritmo fazia *tudo certinho*. A revisão das notas solicitadas por alguns pais, era

apenas um ritual, não havia de fato revisão, décimos eram adicionados para simular humanidade em contraste a frieza dos algoritmos, isso se dava ao critério da professora e só ocorria naquele tipo de *aulas dadas por professores de fato humanos*, pois grande parte da população não possuem o privilégio de ganhar aquele tipo de regalia.

Será que seus alunos aplicavam em seu dia a dia as coisas que ela ensinava? Que refletiam sobre o conteúdo e as tarefas a eles designadas? Afinal... Para onde iam as coisas que foram expostas e explicadas em suas aulas? Eles (os alunos) não discutiam. Pelo menos não de forma oral (abrindo seus microfones e relatando suas opiniões). Às vezes, falavam no *chat*, mas eram comentários como “Sim, podemos ver os slides”, “professora, seu microfone está desconectado”, “o vídeo está sem som”.... Quando a aula terminava, às vezes eles se lembravam de se despedir dando um monossilábico “xau”, mas a maior parte das vezes apenas se desconectavam. E quando a professora se recuperava de uma aula que mais parecia um monólogo, outra turma se conectava e mais alunos sem rosto e mudos preenchiam as fileiras daquela sala de aula abstrata de pulsos elétricos e dados.

Se recordava de algo ou de alguém que dissera que a educação poderia provocar a mudança no indivíduo a ela exposto, à comunidade onde tal indivíduo estava inserido, à sociedade a que ele fazia parte e até mesmo ao mundo. O que a professora fazia mudava algo? Causava algum tipo de transformação... nela própria? E em seus pupilos?

Não.

Ela tinha alguma autonomia? Controle sobre a sua metodologia? Sua prática educativa? O conteúdo a ser ministrado? Tudo estava de acordo com o que as *empresas da educação* queriam e estas se baseavam no que o *mercado* ansiava no momento. Às vezes, ela se questionava o que a diferenciava das máquinas a qual utilizava para exercer a sua “valorosa” profissão. O que a fazia ser mesmo humana?

“Oh! Seus níveis de estresse estão aumentando de novo! Vou solicitar uma injeção de endorfina, dopamina, serotonina e ocitocina. Logo esses pensamentos ruins vão embora e você poderá se concentrar no seu importante trabalho para o bem da nossa sociedade!”

Ela continuava a se questionar, mesmo sentindo os hormônios ditos *da felicidade* serem bombeados em sua corrente sanguínea por um dos plugues, nublando sua consciência... Em uma fugaz resistência de sua mente ela fez mais uma pergunta:

Será que este é o futuro do professor?